

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, SETEMBRO/2001- ANO V - Nº 56

EDITORIAL

Perplexos, assistimos, no último dia 11 de setembro, ao ataque terrorista aos Estados Unidos da América. O mundo parou para acompanhar pela TV os detalhes dessa ação sem precedentes na história. As fortes cenas superaram as de um filme hollywoodiano, pois os milhares de coadjuvantes, inclusive brasileiros, saíram de cena para sempre. Foi exposta a fragilidade da nação mais poderosa, sobretudo militarmente, do planeta.

O mundo todo, comovido, solidarizou-se com os EUA, condenando o ataque terrorista. Muitos anseiam por vingança e retaliação. Líderes religiosos e pacifistas, no entanto, apelam ao bom senso e à paz. O Papa João Paulo II implorou que “não prevaleça a espiral de ódio e violência”. Referiu-se a esse dia como “um dos mais obscuros da história da humanidade”. Considera a agressão como “um horror inqualificável, diante do qual qualquer comentário parece inadequado, mas ainda que as forças das trevas pareçam prevalecer, o crente sabe que o mal e a morte não têm a última palavra”. “O homem de fé se apóia na esperança cristã e dela se alimenta.”

Os EUA deverão rever sua postura frente às relações internacionais e sua arrogância com as nações menos importantes no cenário globalizado, mas que são tão dignas quanto as grandes potências. Deverão exercer sua liderança mundial, mas partilhando tecnologia e know-how com países pouco favorecidos, fomentando ações que concorram para dignificar o homem em sua integridade. Voltado apenas para o seu crescimento, este que é o país mais desenvolvido, rejeitou, recentemente, em Kyoto, acordo sobre o aquecimento global, alegando, simplesmente, que o mesmo prejudicaria a economia norte-americana. Nas últimas semanas, na África, abandonou a Conferência sobre racismo, alegando que ela discriminava Israel, um aliado. Estas posturas imperialistas precisam ser reavaliadas pelos EUA, mesmo que eles percam numa mesa de negociação, como qualquer outro país.

Um atentado como este nos empobrece como seres humanos. O momento é de reflexão e de busca do fortalecimento da espiritualidade. É preciso que cada um exerça seu papel na transformação do mundo, à luz do Evangelho. Orações pela paz e conversão, com aprimoramento espiritual, é o caminho a se percorrer neste milênio que se inicia.



Igreja Matriz de São Miguel Arcanjo. Obra do arquiteto Prometheu da Silveira, inaugurada em 27 de janeiro de 1970.

Independência ou Morte

Enquanto o mundo, atônito, de pernas para o ar, inseguro com o futuro, busca mudanças, nós, em Piquete, parecendo desconectados da realidade global, continuamos a patinar no vazio. Falta-nos uma política desenvolvimentista que dê um norte para a cidade e aponte para onde devemos caminhar.

Carecemos de lideranças que nos indiquem o caminho; de políticos compromissados com o coletivo, que exercitem a Política como a arte de administrar a comunidade, e que coordenem as forças sociais aqui existentes, conduzindo-as para o bem-estar comum.

Nossos políticos perdem tempo com questiúnculas desgastantes, que não resultam em benefício para os moradores. Agindo assim, deixam de exercitar essa grande arte para se envolver com problemas mesquinhos, tornando-se motivo para anedotas e assunto de bar. No mês em que se comemora a independência do país, cabe-nos uma reflexão e tomada de postura, para rompermos os grilhões que nos prendem a essa situação de dependência. Faltam aos nossos homens públicos civismo e compromisso com o coletivo.

Neste momento crucial para a humanidade, em que o mundo repensa valores, é preciso o nosso engajamento em ações que concorram para o aprimoramento

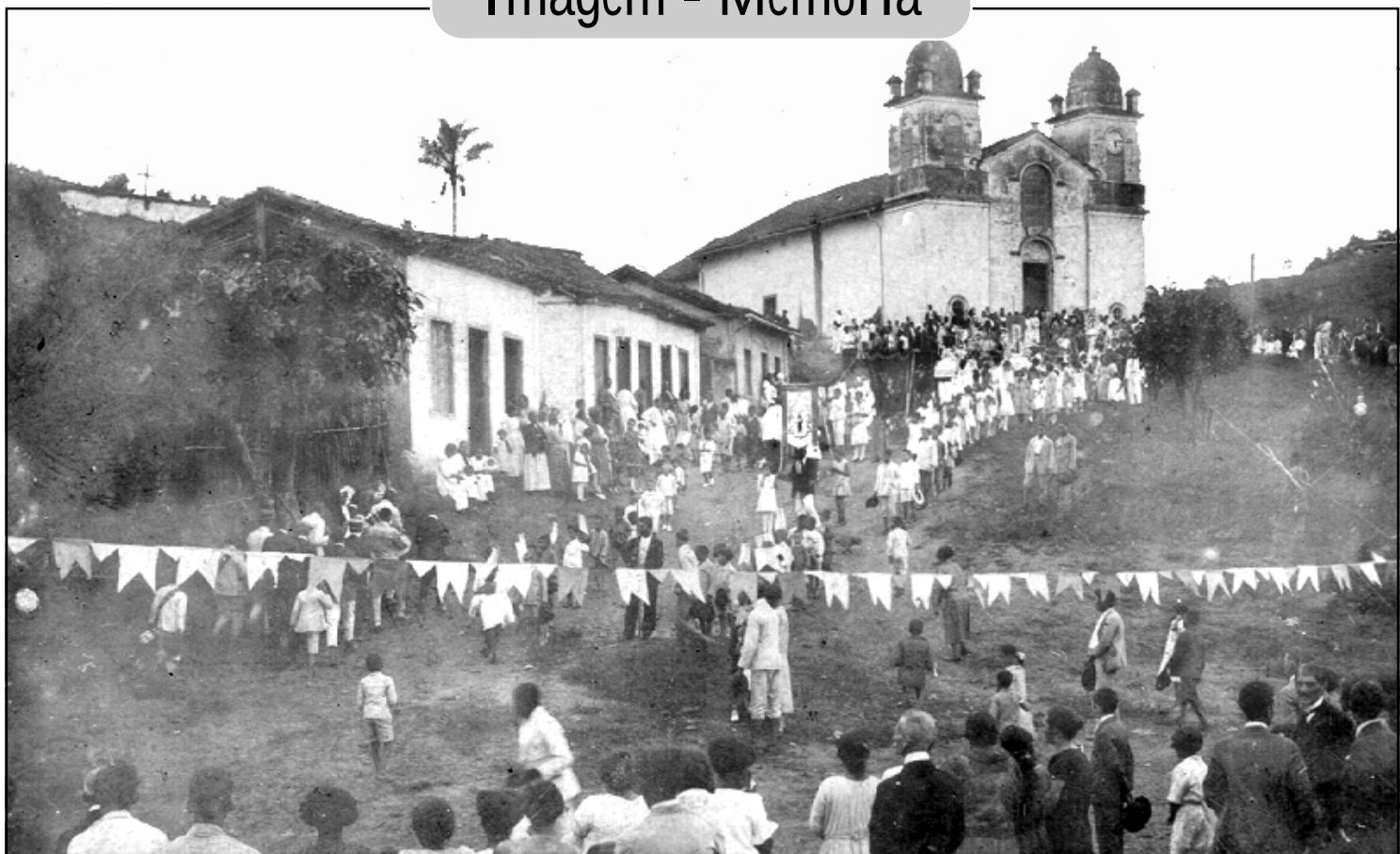
humano, buscando o desenvolvimento integral da comunidade, provendo-a de suas necessidades básicas. Acreditamos que nossa atual Câmara, renovada em mais de noventa por cento nas últimas eleições, em sintonia com o Executivo, detonará um novo modelo de ação política, determinando caminhos para a construção de nossa cidade.

O momento é de reação e de unirmos forças na busca efetiva de soluções para os crônicos problemas de Piquete – saneamento básico, saúde, educação, meio ambiente e tantos outros –, que venham resultar em melhoria da qualidade de vida dos munícipes.

Por outro lado, a população é chamada a colaborar, exercitando a cidadania, participando do dia-a-dia da cidade. A independência é fruto de mudança de mentalidade e de ação. Somos todos agentes de transformação neste processo em construção e os únicos responsáveis por isto. O mundo está mudando. É preciso mudarmos também. É preciso cobrança, seriedade, compromisso, participação.

Seremos grandes se buscarmos, juntos, soluções para os nossos problemas. A hora é de trabalhar, partilhar, conviver e de união. Somos soma. Se assim não o fizermos, estaremos condenados à estagnação, ao retrocesso e à morte.

Imagem - Memória



A Capela de São Miguel e Almas é o mais importante símbolo de fé e devoção dos piquetenses ao Arcanjo Padroeiro. Nesta foto, tirada nos anos 20, procissão saindo da antiga Matriz de São Miguel..

A devoção a São Miguel e Almas

Um traço marcante da espiritualidade de nós, piquetenses, que vem dos primórdios de nosso povoamento, é a devoção a São Miguel Arcanjo, árbitro das almas do purgatório.

A devoção a São Miguel foi muito difundida na América portuguesa, personificando a luta entre o Bem e o Mal. Chegou ao vale do Paraíba com os primeiros colonizadores e se difundiu. Essa devoção fez com que, no início dos setecentos, a 6 de maio de 1719, fosse instituída na Freguesia de Nossa Senhora da Piedade (Lorena) a Irmandade de São Miguel, cujo compromisso foi aprovado por D. Francisco de São Jerônimo, bispo diocesano do Rio de Janeiro. Em 1852, houve reforma desse compromisso. Por essa época, a devoção a São Miguel Arcanjo já havia chegado ao bairro lorenense do Piquete, cuja população, para cumprir os preceitos religiosos, se deslocava até a Vila de Lorena. Assim, os piquetenses passaram a pleitear junto às autoridades eclesiásticas autorização para construção de uma capela no bairro. Em 1864, por meio de uma petição conseguem de D. Sebastião Pinto do Rego, bispo de São Paulo, provisão que autorizava a construção de uma capela no bairro, sob a invocação de São Miguel, com a condição de que deveria se localizar em lugar alto e livre de umidade e que tivesse espaço ao redor para procissões. O local escolhido foi uma colina às margens do Caminho de Minas, junto a um adensamento populacional. Os moradores passam, a partir de então, a se reunir, discutindo a melhor maneira para execução das obras. Tomaram a frente dos trabalhos o Ten. Joaquim Vieira Teixeira Pinto e José Mariano Ribeiro da Silva, apoiados por

moradores dos quarteirões: Posses, Ronco, Itabaquara Acima, Ribeirão Vermelho, Serra do Itajubá, Serra dos Marins, Passa Quatro, Leais, Gonçalves, Godoy.

A força aglutinadora da Fé e a devoção a São Miguel impulsionavam a todos que sonhavam ver a capela de seu padroeiro construída. Escravos taipeiros passaram a pilar as grossas paredes de terra da capela. À medida que as paredes cresciam, aumentava a expectativa dos moradores para com o término das obras. Ao mesmo tempo, articulava-se a elevação do bairro à condição de Freguesia, o que veio a acontecer em 22 de março de 1875, quando a igreja encontrava-se quase pronta: simples e pobre, sem adornos, sem as torres laterais. Nesse mesmo ano, construiu-se o cemitério e as cerimônias fúnebres passaram a ser realizadas na Capela, que, mesmo sem padre colado, aglutinava a população para orações e reuniões comunitárias. Em 7 de outubro de 1888 criou-se a Paróquia de São Miguel do Piquete, sendo nomeado seu primeiro pároco, o Pe. Francisco Fillipo.

A população aspirava à emancipação do bairro. Era preciso, então, uma matriz. O Comendador Custódio Vieira da Silva, proprietário da Fazenda da Estrela, constrói, nas proximidades da igreja, uma olaria para a construção das torres laterais. Em 15 de junho de 1891 ocorre a emancipação político-administrativa do bairro e na Matriz são realizadas cerimônias solenes. No Natal desse mesmo ano concluíram-se as torres.

A antiga Matriz de São Miguel é para os piquetenses o seu maior símbolo. Todos os eventos significativos do Município ocorreram nela, ou nas suas adjacências.

A Capela de São Miguel faz-se presente no acervo iconográfico da Fundação

Christiano Rosa. Nela nossas tradições religiosas foram intensamente fotografadas: procissões, casamentos, batizados, primeiras comunhões e situações de convivência propiciadas pela Igreja. Em cada fotografia, resgatam-se as micro-histórias pertinentes a ela e muito de nossa memória.

A Capela de São Miguel e Almas, nossa antiga matriz, foi, no passado, e continua, no presente, nossa maior referência histórico-religiosa.

Ao comemorarmos nosso padroeiro, São Miguel Arcanjo, nossos pensamentos voltam-se para a pequena capela, onde nossos antepassados testemunharam sua fé, acreditaram no futuro do Bairro, Vila e Cidade de Piquete. Como eles, continuamos a rogar para que São Miguel nos inspire e nos fortaleça para a caminhada, nesse novo milênio.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 97

Diretor Geral:

Ana Maria de Gouvêa

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:

Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (012) 556-1192 / 556-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1.000 exemplares

A redação não se responsabiliza pelos artigos assinados

GENTE DA CIDADE

Wagner Ribeiro

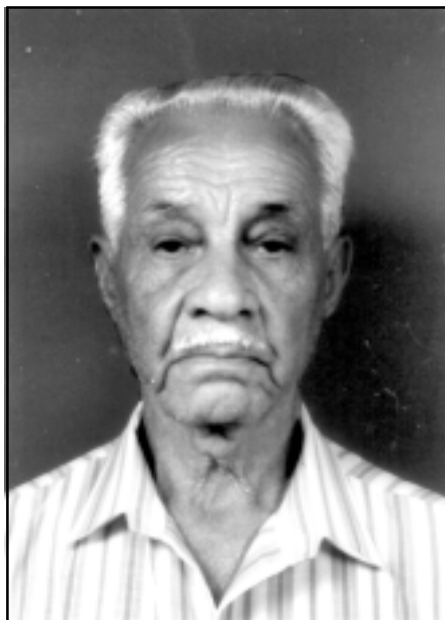
Wagner Ribeiro da Silva nasceu em Piquete, no bairro da Aldeia, atrás do antigo Contingente da Fábrica, em 27-10-1923. Filho de João Ribeiro Silva e Perpétua Clímaco R. Silva. É o mais velho dos 5 filhos do casal.

Fez seus primeiros estudos no antigo Grupo Escolar do Piquete. Recorda-se, reverente, da professora que o alfabetizou, Palmira Ferrari. Com os acontecimentos revolucionários de 1932, sua família se refugiou na zona rural, no Meia-Lua. Em 1938, com 15 anos, voltou para a cidade, passando a trabalhar na Fábrica de Pólvoras, como aprendiz da 3ª Divisão. Teve grandes mestres: Targino Cunha, Manduca, Armando de Castro Ferreira, entre outros.

Em 1939 foi deslocado para montagem do maquinário da “Base Dupla”, inaugurada em 1940. Guarda até hoje o “Cartão de Identidade da Comissão Construtora da Fábrica Base Dupla”.

Durante a II Guerra foi convocado para o serviço militar. Nele permaneceu por três anos, até o fim do conflito. Retornou para o trabalho na FPV em junho de 1945. Nesse emprego permaneceu por 35 anos, aposentando-se em 12 de junho de 1974.

Em 1946 casou-se com Sílvia de Carvalho Silva. Tiveram 9 filhos, que lhes deram 21 netos e um casal de bisnetos. Criou os filhos à luz dos valores cristãos. Muito religioso, tornou-se colaborador salesiano há muitos anos, a convite de seu compadre Nourival de Oliveira. Nos anos 60 surgiu a idéia de se criar um Oratório Salesiano para meninos em Piquete, uma vez que já existia, no bairro da Caixa D'água, o Orfanato Madre Maria Mazarelo, para meninas. A então diretora do hospital, Irmã Ema, convidou-o e aos senhores Nourival de Oliveira e Armênio Orioste para essa empreitada. Foi fundado, assim, em 1967, o Oratório São Domingos Sávio, que tinha como Diretor Espiritual o Pe. Mário Bonatti. De corpo e alma, passou a se dedicar a esse trabalho, que teve início no Campo do Vila. As primeiras aulas de Catecismo foram debaixo de uma grande figueira, às margens do Ribeirão Benfica. Dois anos mais tarde, em 1969, o Oratório passou a funcionar no Grupo Escolar “Darwin Félix”, onde, aos domingos, os Salesianos celebravam as missas e era ministrado o Catecismo. O



Oratório funcionou também na igreja de São Benedito, até que retornou para o Darwin Félix. Entre idas e vindas, o Sr. Wagner teve a idéia de adquirir um terreno para a construção de uma sede própria. Nos anos 70, compraram dois terrenos em frente ao Darwin Félix. Para pagamento promoviam rifas, quermesses, etc.

O Sr. Wagner é, há 27 anos, Ministro Extraordinário da Eucaristia. Foi investido como o 1º Ministro do Oratório São Domingos Sávio, a convite do Pe. Plínio Possobon, pelo Bispo Dom Antônio de Miranda. Como Ministro, dedicou-se integralmente a esse trabalho: dava assistência a moradores da Vila Célia e Bambuzinho, além de colaborar, diariamente, nas missas com o Padre Alexandre Pereira da Silva, na Matriz de São Miguel. Aos sábados e domingos, estava à frente dos trabalhos no Oratório, auxiliado por sua esposa, “... colaboradora incansável”. Foram 25 anos de trabalho conjunto. Fizeram isto por acreditarem na obra de D. Bosco, que dizia que “Preparar o futuro é fundamentar o presente.” O senhor Wagner é exemplo de vida cristã.

O trabalho em mutirão construiu o Oratório São Domingos Sávio. À direita, o Sr. Wagner Silva.



Foto arquivo Pro-Memória

Auto-estima

Celso Colombo

Os envolvidos com a paixão nacional induzida pela bola devem se lembrar muito bem das palavras de vários jogadores do Corinthians, logo após a conquista do título paulista de 2001. Só para refrescar a memória, quase todos os jogadores lembraram-se da fase difícil por que o time passou, das críticas da imprensa e da forte ameaça de rebaixamento. E que tudo isso foi superado com o auxílio do técnico e de uma psicóloga, que trabalharam a auto-estima dos jogadores. Por outro lado, pessoas que perdem o emprego, um parente ou amigo bastante íntimo, ou até mesmo contraem uma enfermidade, muitas das vezes entram em depressão, não encontrando razões pra a continuidade da vida. E acabam lançando terra abaixo toda a auto-estima. Neste momento, entram em cena pessoas que desenvolvem enorme trabalho com vistas a tirar esses amigos do abismo em que se encontram. E o caminho para isso é trabalhar um conjunto de valores que provocam um grande impacto capaz de levantar o moral e o espírito de luta dessas pessoas. Com isso, de forma progressiva, essas pessoas reencontram a vida e tornam-se vencedoras.

Por analogia, vamos trazer esses comentários para nossa Piquete. Acredito que em nossa cidade todos nós deveríamos começar a gritar bem alto que temos tudo para vencer e não mais sair por aí atirando pedras em tudo e em todos. Assim, tomo a liberdade de apresentar alguns posicionamentos que poderiam ajudar Piquete a encontrar o caminho das conquistas, das grandes vitórias, e, com isso, recuperar toda a auto-estima perdida:

Muitas das administrações públicas passadas não foram felizes, mas agora, com um novo norte e com nossa gente mais consciente e participativa, em breve nosso Município será mais bonito e organizado.

A IMBEL, de forma gradativa, está superando problemas e, nos próximos meses, irradiará grandes benefícios sobre nossa cidade.

A educação de nossas crianças e adultos está sendo resgatada com esforços de educadores piquetenses e, no curto prazo de tempo, voltaremos a ser cidade de referência no Vale do Paraíba.

Nos esportes, estamos nos organizando e vamos reconquistar a posição privilegiada que tínhamos entre equipes valeparaibanais.

O turismo incipiente começa a colher seus primeiros frutos nas Fazendas Mundo Novo e Santa Lydia.

Nossa água é de qualidade invejável e estamos aprendendo a cuidar bem dela.

Todas as situações citadas mexem com o auto-estima de nossa cidade e de nossa gente, lançando por terra todos os estigmas negativistas plantados há alguns anos. Reconquistando a auto-estima de nossa cidade, seremos cidadãos mais felizes. E essa reconquista depende tão-somente de nós piquetenses de nascimento, de adoção e de coração. Assim, elogie sua cidade e a faça a melhor para morar, viver, ter amigos e ser feliz. Não seria esse o achado precioso para um novo ciclo de desenvolvimento e, consequentemente, a independência de muitos de nós? Reflita sobre isso e, tenho certeza, nós todos seremos vencedores.

A Casa dos Húngaros

O prédio do antigo Ginásio da FPV foi construído para moradia da colônia húngara que se constituía em Piquete, por ocasião em que a implantação das fábricas de Base Dupla exigia essa mão-de-obra especializada. Fazia parte do contrato da equipe dos técnicos, sediada no Rio de Janeiro, a entrega de uma casa em Piquete, local do referenciado projeto, para lhes servir de moradia com as respectivas famílias durante a vigência do processo elaborativo.

Estas famílias ali permaneceram o tempo que durou o contrato. Construída sob a administração Brito de Aquino e Pompeu Monte, estava dentro dos padrões que os próprios europeus, particularmente centro-orientais, têm para os fins destinados. Ao plano da construção pertenciam um salão, à direita de quem entrasse, como centro administrativo; um hall de distribuição para um corredor à esquerda, provido de quartos, e um acesso a um pátio interno que levava a um salão-laboratório de pesquisas. Do outro lado, chegava-se à cozinha comunitária dotada de amplos fogões e apetrechos necessários, com os depósitos exigidos para as despensas, mais o pátio de recreação para as crianças. Em prolongamento encontrava-se a lavanderia e respectivo espaço para a higienização das roupas. Uma horta completava os dispositivos mantenedores e reservava a intimidade familiar.

Do lado oposto dispunham-se os banheiros modernos e bem conservados. Frente ao prédio do quartel do contingente de Vigilância, o prédio da colônia húngara era sóbrio e funcional.

Local de moradia e de trabalho, a colônia representou um modelo especial de implantação imigrante, desconectada da fórmula tradicional de unidade produtiva rural desenvolvida no Brasil e na zona cafeeira valeparaibana. Sem que estivesse destituída de um espaço de produção agrícola de subsistência, ao estilo dos usados pelos europeus imigrados no Brasil, produtores de hortifrutigrangeiros para consumo próprio.

Com essa colônia húngara ficava assim marcada uma fórmula pioneira de ocupação de espaço serrano no setor paulista do Vale Paraibano. Sui-generis na fórmula e destinação, poderia ter gerado um núcleo mais sólido que acabou se implantando em outro lugar, no município de Lorena, na fazenda Nossa Senhora da Conceição, adquirida aos herdeiros do Dr. Arnolfo de Azevedo, e localizada à margem esquerda do Paraíba, junto ao porto do Meira, próximo aos limites Lorena-Piquete, nos caminhos antigos da interconexão com a Estrada Geral.

Na “casa dos húngaros”, como era conhecida em Piquete, particularmente pelos poucos vizinhos, havia trabalho, confraternizações e festas. Mas, na verdade, tratava-se de uma casa para reclusão dos húngaros, devido ao contencioso gerado nas motivações da Segunda Guerra Mundial.

Em seu isolamento, os húngaros pareciam adaptados. Os técnicos, produtivos, implantavam a Base Dupla e a faziam funcionar. A liderança de Lázló Rideg, engenheiro químico especializado na pólvora desejada, fazia serem atingidos os prognósticos do diretor de produção, Brito de Aquino, e de Pompeu Monte, seu auxiliar direto.

Na “casa”, as presenças femininas eram objeto de observação das piquetenses. Admiravam-nas em sua faina diária, no cuidado dos filhos, da cozinha e da horta, onde, com roupas rústicas e botas de cano, trabalhavam duro como, segundo o estereótipo, as européias sabem fazê-lo. Seria muito interessante aos húngaros estar em um país tropical, em lugar de tantas montanhas, matas e riqueza de águas. Eles, que provinham de um país de planícies, de vegetação de campos, de estações rigorosas, com gelo recobrendo partes do solo e neve fecundadora das vinhas do bom vinho, famoso entre os famosos. Vinhos encorpados e de bom espírito. Com certeza, apreciavam este nosso país de

tropicalidades. Vieram jungidos pelas necessidades. A Guerra, aqui, os condicionou à reserva do espaço.

Nas noites de inverno, brando para eles, em Piquete, provavelmente as lendas épicas e pastoris percorriam o imaginário do fértil grupo feminino, enquanto possivelmente os homens adultos discutiriam, na sala dos experimentos laboratoriais, os resultados obtidos e os esperados. Na pauta, os cálculos dos explosivos e as leis da Física.

Não sei se alguém registrou tudo isso, a não ser os depoimentos orais que nosso memorialista Wanderley Sardinha trouxe da observação dos pais, da irmã Marlene e dele próprio, dele especialmente, que tão bem registra tudo que entesourou na memória privilegiada.

Terminada a missão, portanto a guerra, os húngaros, indecisos da escolha de outro lugar para viver, resolveram montar uma indústria própria de explosivos, e para tal, se instalaram nas terras da Fazenda Conceição, onde a “Mantiqueira” surgiu e deu frutos. Na roda do tempo entregaram a Base Dupla recomendada aos cuidados atentos, dada a sua alta periculosidade, e partiram para a experiência própria. Perigo que se representou, realmente. Algumas vidas explodiram literalmente. A busca de restos identificativos era uma catarse no fracasso pela busca do progresso, enquanto este se pretendia projetar como enriquecedor na cidade. Surgia dessa combinação um novo quadro urbano, diferenciado pela vitoriosa experiência educacional refletida como espelho promissor. Víamos-nos diferenciados no modelo positivista, que do século XIX se projetava sobre o XX, emblematizado pela modernidade.

A filosofia positivista iluminava os espíritos ilustrados da oficialidade da Vila Militar: ciência, educação e progresso como lemas estendidos do século XIX para a primeira metade do XX, fase essa que acabou fechada com as guerras mundiais, avassaladoras. Aí, sim, entramos no século XX, com a Guerra Fria e seu modelo de geopolítica bipolarizada.

Os símbolos positivistas fizeram parte de uma escolha que, da novel república, encontrava na elite valeparaibana reforço e espelhamento. Não é à toa que a “casa dos húngaros” foi tornada o emblemático Ginásio da Fábrica Presidente Vargas, um dos focos da clivagem na história da cidade, história ainda mal vislumbrada. Piquete fez parte de um plano que os piquetenses ainda não bem assimilaram. No imaginário evocado, um “Packard” prateado pontua um “momento húngaro” de integração democrática de culturas, que, nos corsos carnavalescos, conectava velhas raízes em novas frutificações. As velhas fotografias testemunham esse momento, e, enquanto a imagem se desvanece no contacto da emulsão química com o papel, a memória em brumas se fragmenta.

Dóli de Castro Ferreira

Antiga residência dos húngaros, adaptada para funcionar como Escola profissional. Ano de 1945.



Foto arquivo Pro-Memória

No presente do Indicativo

Nelo Pelegrine

Na agenda implacável da eternidade, se quiséramos uma pálida idéia do incomensurável, os segundos se contariam por séculos e as horas em bilhões de anos.

Que dizer então das distâncias entre mundos, sóis e galáxias? Daí que apenas o eterno e o infinito bastam para amesquinhar as vãs pretensões humanas.

Entretanto, o homem é o seu próprio desafio. Eleva-se a todas as grandezas ou baixa a quaisquer inferioridades. No pensamento de Homero, Ulisses recusa a vida eterna pelo ciclo prosaico de nascer, viver e morrer; em meio à abundância, Francisco, “Il Polverelo de Assis”, resolve pregar amor aos peixes, ao invés de comê-los. Mahatma Carancham Gandhi liberta uma nação e se deixa matar por um louco, tudo pela não violência.

Nos meandros da própria natureza, o “filho das tormentas” é também o oposto do asceta franciscano, do criador da Odisséia e a negação da “Grande Alma” de Gandhi. Como Calígula, Nero ou Heichman, então despreza tudo, todos e a si próprio. Seja no genocídio ou na covardia, ainda não se relacionaram os últimos criminosos, dos perversos ou indiferentes, que sempre tripudiarão sobre os pios, mártires e humildes.

Santo ou demônio, contudo, a criatura humana é produto de conflito e do meio. Assim como o ambiente lhe plasma a estrutura, as doutrinas religiosas, políticas e sociais lhe forjam o espírito e o caráter.

De repente, ei-lo nas encruzilhadas e solicitado em várias direções. Paradoxos e

contradições lhe sucedem à mente confusa. Que razões levam à vida, se ela é tão breve? Ao saber, quando apenas subsistem dúvidas? À fé, quando a crença é o que menos se confirma?

Ante as indagações, sem rumo, em face do vazio, que caminho será válido na escolha de um destino? Sábios, filósofos e cientistas, bem como professores nas universidades e sacerdotes de todas as religiões, buscam uma resposta. Batalham pela existência, pelo conhecimento e pela Fé. São desassombrados profetas nos caos e pregarão sempre, mesmo que ignorem quando teve início ou findará o limitado calendário humano.

Aos marginalizados, que não possuem a “verdade”, sem “deuses” ou crenças, resta o refúgio da esperança; esperança de que serão recebidos, embora passem pela vida na ânsia de se dar e ninguém queira aceitar.

Aos que procuram compreender, embora incompreendidos, que desejam crer e não conseguem, resta o consolo de que amem, sonhem e dignifiquem seus semelhantes. Dessa forma, mesmo que não admitam a coragem dos mártires ou a virtude dos heróis, devem passar pela vida sem esmagar os fracos e vencidos, não dar guarida ao mal, confiar em que a humanidade não se destrua e que a vida continue, mesmo após a morte.

Afinal, em que pesem as dúvidas e insólueis indagações do homem, com amor e esperança sempre vale a pena viver. Assim eu creio, tu crês, nós cremos, vós credes e eles crêem...

Portinari no Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa”

A Fundação Christiano Rosa, em parceria com a Secretaria de Estado da Cultura e o Departamento de Cultura do Município de Piquete, promoveu, no Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa”, a exposição “Portinari”, que mostra a trajetória e obras do pintor brasileiro mais conhecido no país. Desenhista, gravador, professor, político e poeta, Cândido Portinari destacou-se em obras como o painel “Tiradentes”, exposto no Memorial

“Menino Morto” (óleo sobre tela de Portinari; 1944 - 1,79 x 1,90m). MASP - São Paulo.



“Enterro na rede” (óleo sobre tela de Portinari; 1944 - 1,80 x 2,20m). MASP - São Paulo.

da América Latina, a “Série Retirantes”, que retrata a miséria dos nordestinos e “Guerra e Paz”, dois painéis montados para a sede da ONU, nos Estados Unidos.

A exposição, direcionada aos alunos, é muito didática. Disponibilizada para as cidades pela Secretaria de Estado da Cultura, com roteiro e textos de Pierina Camargo e projeto gráfico de Flávia Gonsales, contou, como de costume, com a presença de grande número de alunos das escolas do município.

Jovens escoteiros

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Fiz alguma boa ação hoje? Acredito que nos deveríamos fazer essa pergunta todos os dias. E, caso a resposta seja negativa, repensar o modo como estamos vivendo.

Existem muitos grupos voltados para estudos dos problemas de suas regiões, interessados em manter sua cultura e preocupados com o futuro das próximas gerações. As preocupações dividem-se entre educação, saúde, meio ambiente e outras tantas que concorrem para a melhoria da qualidade de vida.

Ao observarmos esses grupos, verificamos que é alta a média de idade de seus membros. Não há jovens. Essa constatação é preocupante. Seguindo-se o curso natural da vida, a tendência é que os mais velhos morram primeiro. A necessidade, então, de se formar novas cabeças pensantes é muito grande. Caso contrário, o trabalho desses grupos não terá continuidade. E, sendo assim, seus esforços terão sido em vão.

Há muitas formas de se colaborar com a comunidade. A comentada “globalização”, no final das contas, globaliza as perdas esquecendo-se dos lucros. Os resultados podem ser observados em nossas próprias comunidades. Visite lugares de sua cidade em que você nunca esteve. Talvez você esteja afastado da realidade e não tenha percebido que a miséria está mais próxima do que você imaginava.

E o que temos feito para mudar esse quadro?

Os jovens estão, atualmente, muito voltados para si próprios. Numa universidade, teoricamente, encontraríamos pessoas com a mente aberta, preocupados em melhorar o mundo em que vivem, para que seu futuro fosse mais promissor. No entanto, o que se encontra são adolescentes descompromissados, que, com a “liberdade” conquistada, pensam apenas em diversão, esquecendo-se até dos estudos.

Será que isto basta? O mundo é muito maior que o seu bairro, que o clube que você frequenta, que festas e bebedeiras. Oportunidades de participação na comunidade em que estão inseridos não faltam. Participem das decisões de sua escola, faculdade, trabalho. Com isso, estarão se inteirando dos problemas que os afetam diretamente. E poderão argumentar, opinar e cobrar soluções.

Recentes reportagens mostram que grandes empresas estão levando em conta, quando do desempate entre candidatos a suas vagas, a participação em trabalhos voluntários. Assim, procure colaborar. Há escolas, hospitais, ONGs, enfim, inúmeras opções para se escolher. São trabalhos simples, que não requerem muito tempo. Os resultados, porém, apesar de demorar a aparecer, são significativos, e a sensação de uma boa ação realizada é imediata, fazendo com que a espera seja leve.

Crônicas Pitorescas

Molho Pardo

Palmyro Masiero

Galinha ao molho-pardo! Ah! Quanto tempo!... Galinha caipira... Que paladar, que gosto!... Hoje na saudade... Nessas reminiscências degustativas, a conversa com um amigo, dono de um sítio, e sua promessa de me oferecer uma de seu quintal, ciscadora convicta, gorda, para renovar minha crença de que ainda se pode comer coisas boas daqueles tempos. E cumpriu. Trouxe uma senhora galinha que parecia uma almofada empenada. Matrona, pesada, com “sustança”...

Ela chegou num domingo, à noite, quando ele regressou do sítio, amarrada pelos pés, incomodada em sua descompostura. Após os agradecimentos, fiquei estático na varanda com a galinha viva nas mãos. Início de partida para os problemas. Galinha dorme em poleiro e eu não tenho nada parecido com isso. Meu quintal, de muros altos, é inteiramente cimentado. Deixá-la dormir amarrada pelos pés provocou objeção geral da família. Muita judiação. Talvez soltá-la, e ela que se virasse. Fugir não tinha possibilidade, inda mais sendo ela uma distinta representante das “caipináceas” e que jamais fez estágio na FEBEM ou qualquer presídio para contar com... Onde estávamos? Isso... colocar a galinha para dormir.

Havia um detalhe esquecido por todos. O próprio se manifestou: latiu ao ver a penosa amarrada. Meu cachorro, o Pitágoras (nome imaginado para minimizar a vira-latices dele). Problema para depois... Todo mundo rodando quintal às onze da noite, em busca de um recanto apropriado para o repouso da senhora galinácea que, dez minutos depois de chegar, já havia sido batizada com o nome da moda: Porcina. Várias sugestões foram apresentadas, mas na hora H, impraticáveis. Justamente a primeira, que todos rejeitaram no ato, foi a solução: ela dormiria no banheiro do quarto

da empregada, nos fundos, que não estava sendo empregado pela empregada porque não tinha nenhuma empregada empregada na casa. Os pés foram desamarrados e a penosa foi solta lá dentro e fechada. O que poderia estar sentindo ninguém entrou no mérito avaliatório. Ali estava livre de ser morta pelo cão. Estava condenada, mas seria morta por humanos.

Dia outro, logo cedo, abrimos a porta do banheiro. Ela dormira em cima do vaso... fechado. Conclusão: titica pra todo lado. O que dar para a galinha comer? Sempre sobra um restinho de comida... O Pita (o cão – louco doido) foi mantido a distância. Resolvemos a aproximação para evitar futuros contratempos. Com uns gritos e alguma vigia, o cachorro concluiu ser asneira arranjar encrenca à toa com os donos. Cheirou-a um pouco e ficou por isso.

A galinha ao molho-pardo seria no domingo. Até lá, tinha que ser tratada. Comprar milho. Quarta-feira a Porcina já se considerava da casa e entrava pela cozinha; ali sujava, como sujava no quintal, sujava no banheiro, onde estivesse. Vá ser aberta assim não sei onde, seu!

Sábado chegou. O problema: quem teria coragem de pegar a Porcina viva, arrancar-lhe as penas do pescoço e passar-lhe a faca na goela para recolher o sangue num prato de vinagre? Horror generalizado. Chiadeira... Ninguém comeria a Porcina... Sentir-se-iam canibais se fizessem isso.

Duas semanas depois... O único disponível era o gaiato aqui para dar comida e limpar a sujeirada da madame. Virou obrigação, obrigando-me a virar a mesa. Uma senhora pobre passou pedindo qualquer coisa. Ofereci-lhe a Porcina. Aceitou.

E assim a Porcina foi, na intenção do meu amigo, uma galinha ao molho-pardo, sem nunca ter sido.

Capela fora do Povoado

Edival da Silva Castro

Em uma planície, entre cerros, à margem esquerda do Rio Itabaquara e na beira da estrada que dá acesso ao bairro e ao Pico dos Marins, pequenina e branca, fica a Capela de São Sebastião, no Bairro do Itabaquara, risonha e altiva.

Na várzea, defronte à igreja, como é conhecida a capela, um tronco seco plantado, que a natureza esqueceu ali de capricho, recebe as aves nas suas idas e vindas. O rumorejo das águas e o piar das aves noturnas quebram o silêncio da noite. Às vezes, sob o clarão dos astros, uma coruja olhuda paira sobre o tronco, espia a igreja, aquela preciosidade branca, pequenina, isolada e sozinha no meio da esverdeada campina, irradiando preces e súplicas. Tem momento em que a coruja voa à caça de alimento e logo volta. Para os olhos dela a igreja desprende beleza e apego; para os olhos dos homens é templo de fé e esperança.

Vista de determinado trecho da BR-459, na Serra da Mantiqueira, a igreja parece estar inserida numa moldura artística. Lá de cima, seu tamanho diminuto e sua brancura perdem-se na grandeza e no verdor da planície, numa rara visão de paz e conforto.

A igreja deve ter sido erguida para proteger os carreiros, tropas e boiadeiros, e trazer amor aos corações e quietude às almas. O silêncio do local silencia o sino, mas as preces lá feitas tanger e sobem aos páramos à procura de bênçãos e perdão.

A igreja faceira simboliza o passado. Ela fica paradinha lá na planície, à espera de orações. É pequena, de enorme aconchego e branca como os lírios dos campos.

A Fundação Christiano Rosa cumprimenta a comunidade católica de Piquete pela festa do padroeiro de nossa cidade, São Miguel Arcanjo.

Salve 29 de Setembro!



A Estação Rodrigues Alves em Piquete

*“O trem, esta máquina tão estranha à paisagem, não apareceu por encanto nos trilhos exatamente de uma companhia estrangeira”.
Ana Luíza Martins, em “República – um outro olhar”*

O trem, trazido ao Brasil pelos ingleses, chegou-nos como símbolo de modernidade, equipado para significar progresso e industrialização. Não é à toa que a ferrovia acompanhou o café e a locomotiva se tomou emblemática da indústria.

Depois dela o espaço se modificou. Suas gares se tornaram pontos de encontros, cruzamentos, chegadas e partidas, adeuses e boas vindas. Centro social por excelência.

A construção das estações balizou o povoamento das cidades e dos edifícios, que nela se modelaram e se referenciaram.

A estação é, portanto, fulcro e centro de polarização; dispersa e atrai, comanda, condiciona, baliza; e é sinal de contato, contrato, liberdade, saudade, alegria, desejo e emancipação. Dores, também, porque fazem parte das sensações humanas.

Andar de trem é ganhar o mundo, partir para os diferentes destinos, e deles chegar.

Desembarca-se na gare, com o sentimento do renovado, sempre com um novo olhar; mesmo inconsciente, mas novo.

Os trilhos suportam a condição das riquezas e os vagões ocupados sinalizam os caminhos das vontades.

Das linhas férreas partiram a iluminação elétrica, os serviços telefônicos; nelas estavam os aparelhos dos telégrafos, a elas chegavam os correios e distribuíam suas novidades alvissareiras.

Assim, no alvorecer da República e de sua emancipação política, Piquete recebeu seu ramal férreo entroncado à Central do Brasil, para, de Lorena atingir o arco do portão da Fábrica de Pólvora sem Fumaça sob o qual chegava, soberana, a locomotiva liderando seus vagões de trabalhadores e cargas.

Paralelos, os trilhos se alongavam na bitola estreita. No encaixe das curvas sinuosas, o chiado da marcha cadenciada da locomotiva movida a vapor sonorizava a paisagem. Sudoriva-se nos dias quentes e umedecia-se nas brumas das manhãs inverniais. Chegava-nos o ritmado rec, rec, rec, e chiiiiiii...! Era bom ouvir esses sons que nos ritualizavam os dias e a vida.

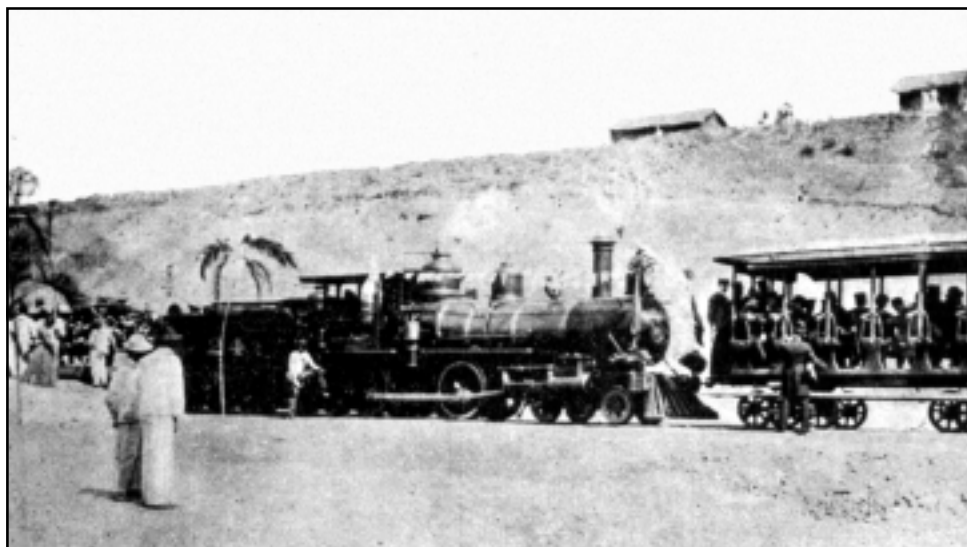


Foto arquivo Pro-Memória

Chegada do primeiro trem a Piquete, quando da inauguração do Ramal Férreo Lorena - Benfica e da Estação Ferroviária “Rodrigues Alves”, em 15 de Setembro de 1906.

Vez por outra, o sino dourado e polido com esmero anunciava as chegadas, e o apito estridente assustava as aves nos remansos das árvores e dos caminhos. Ainda se ouviam gritos da siriema nos encaixes dos morros. A fuligem do carvão queimando vivamente na fornalha dissipava-se pelo ar e a elevação da temperatura na máquina exigia um resfolegado gole na caixa d’água. Lá então encostava-se a locomotiva, para, depois, engatar o vagãozinho breque, carregando o carvão para ser queimado, e os carros de primeira e segunda classes, além do vagão da cargas.

Lá ia o trem seguindo seus rumos, com gente para trabalhar, repousar, continuar viagens, voltar delas, cumprir compromissos.

Nosso trem era pontual e infalível.

Ia-se a passeio à estação: ver gente partir, os parentes e amigos, e principalmente, ver gente chegar. Corria-se às portas e janelas das ruas próximas para apreciar o desfile dos passageiros. Usavam-se roupas novas para o passeio à estação. Havia quem usasse

guarda pó para a viagem. Quem sabe o futuro noivo ou marido chegaria no trem...

Gente ilustre, nem se fale. Era um corre-corre, um deus-nos-acuda. Até banda de música comparecia. E vivas e vivas. Acenos e abraços. A respiração suspensa cadenciava a marcha da locomotiva chegando. Abertas as portinholas, o enervar das curiosidades. Arre!

Mas, nas partidas, a última curva, o lenço branco acenado, as lágrimas assomando e a garganta apertada na contração muscular das emoções. Adeuses.

Ao lado da estação chegavam as tropas de mulas e seus cargueiros com produtos nativos e, mais tarde, as caminhonetas e suas latas de leite.

As cargas mais pesadas e não perecíveis ocupavam o armazém, aguardando seus destinos impressos em caixas, caixotes, fardos e embalagens. Um mundo de destinações.

Nossa estação Rodrigues Alves data de 1906; portanto, uma respeitável senhora, infelizmente desrespeitada pelo comércio que dela fizeram. Desfaz-se no tempo. Abandonada nos sonhos e promessas.

As estações são símbolos de homenagem ao progresso. São obras de arte como as catedrais. A nossa tem um estilo europeu alpino.

Combina com as montanhas próximas, e delas faz contraponto. No telhado em vértice agudo, na construção alta, nas janelas alongadas e no saudoso rendilhado de madeira que guarnecia os contornos das coberturas revelava-se a altivez dos picos e os níveis altimétricos do relevo.

O chefe da estação nela residia com a família, era o guardião onipresente, sempre ocupado a receber mensagens, encomendas, consultas e o movimento sagrado dos horários dos trens. Até que um dia os trens não mais vieram.

Fizeram sua última viagem de saudade e deixaram esvanecida no ar sua fumaça. Mas também já estava substituída sua fonte energética: o vapor cedia lugar à eletricidade.

Dóli de Castro Ferreira

Estação Ferroviária “Rodrigues Alves”, marco arquitetônico na paisagem urbana piquetense. Retrato do abandono, nos seus 95 anos necessita de urgente trabalho de restauro e recuperação.



Foto de Paulo C. Neves

Jeito de falar com Deus

Jorge Amado não escreve mais. Virou escritor de obra completa.

Morrer, não morreu. Sempre o encontraremos nos personagens bem talhados e no tempero equilibrado de sua prosa. Não desperdiçou papel.

Jorge está cada vez mais vivo. Quando a mídia estampa um sinal de intolerância religiosa, o rosto e a voz macia do cidadão itabunense, baiano e brasileiro vão trazendo, em cortejo, à consciência as batalhas travadas pela liberdade de culto no Brasil.

Obrigados, Jorge! Ninguém tem o direito de criticar o nosso jeito de falar com Deus.

De Jorge passo a Miguel. Arcanjo Miguel. O poder de Deus contra o mal. A expulsão do orgulho. A disputa pelo corpo do justo.

Está no inconsciente paulista. Vejo os bandeirantes ditando o testamento antes da partida para batizar o chão da Pátria. Fazem o rol dos bens e pedem a proteção de Deus pelos méritos de Jesus Cristo, da Virgem Maria, do Santo do próprio nome e do Arcanjo Miguel.

Vão caminhando, e o poder de Deus se apregoa de quebrada em quebrada pela

invocação de Miguel. E chega até um portento de serra, que os índios chamam Mantiqueira. E se estabelece em um aglomerado de gente chamado Piquete.

Cresci gostando deste ato de humildade de pedir a proteção de Deus pela intercessão dos santos. Sabemos que somos todos únicos no plano de Deus, que fomos merecedores do sangue de Cristo. Mas não nos esqueçamos de nossas limitações.

E a festa do Padroeiro? E os grandes oradores sacros repetindo “Quem como Deus”? E o coro, empertigado, repetindo que, diante do altar do templo, havia um anjo segurando um turbulo de ouro; que o odor de muitos perfumes tinha chegado à presença de Deus? E pedindo que São Miguel nos defendesse no combate?

Vem século. Vai século. Estamos aqui diante de São Miguel Arcanjo, de nossa ponte para Deus.

O Criador aceita o louvor de todas as suas criaturas. Cada um tem o seu jeito de falar com Deus.

Graças a Deus, graças ao amado Jorge, podemos repetir a oração dos bandeirantes: “São Miguel Arcanjo, rogai a Deus por nós.”

Abigayl Lea da Silva

Notas da Cidade

□ “O ESTAFETA” está, a partir deste número, sob nova direção: a Arq. Ana Maria de Gouvêa, presidente do Conselho Curador da FCR, passará a responder pelo Informativo, em substituição ao Sr. José Palmyro Masiero.

□ A irreverência e o humor do inesquecível Palmyro Masiero continuarão a enriquecer este Informativo. Em sua homenagem, “O ESTAFETA” manterá, com trabalhos publicados em vários jornais da região, a sua coluna “Crônicas Pitorescas”. Com um acervo de mais de mil publicações, os leitores do “O ESTAFETA” continuarão se deliciando com os artigos de um dos grandes colaboradores e incentivadores da cultura em Piquete.

□ O Oratório São Domingos Sávio encerrou a festa de Dom Bosco com um show do grupo “Tinoco e Tinoquinho”. Tinoco, 80 anos, ex- integrante da dupla ícone da música caipira, “Tonico e Tinoco”, em parceria com seu filho, proporcionou grandes momentos aos piquetenses, apresentando pérolas da música brasileira de raiz. Parabéns aos organizadores.

□ Piquete comemorou o 7 de Setembro com o tradicional desfile cívico. Todas as escolas do município participaram, bem como entidades e empresas, proporcionando um evento grandioso, no qual foi lembrada, em alegorias simples e didáticas, a Independência do Brasil. Parabéns aos organizadores.

Terror!

D. Eduardo Benes de Sales Rodrigues
Bispo Diocesano de Lorena

Globaliza-se a escalada da violência em nosso mundo empobrecido de valores profundos. O terrorismo chegou ao coração da maior potência econômica e militar do mundo. Todos fomos espectadores, ao vivo, das pavorosas cenas do ataque terrorista às duas grandes torres, templos do comércio globalizado, e ao Pentágono, centro do poder militar americano. A resposta a tais ações parece caminhar na direção da retaliação: “olho por olho e dente por dente”. Se milhares de vidas inocentes foram brutalmente ceifadas no coração do império, outras tantas poderão igualmente ter o mesmo destino, em outras terras, se a lei do Evangelho não prevalecer na mente e nos corações dos chefes das nações. É tempo de meditação. A lógica da lei de talião é a lógica de uma violência sem fim. Jesus ensinou: “Eu, porém, vos digo que não resistais ao homem mau; antes, ao que te bate na face direita, oferece-lhe também a esquerda” (Mt 5,38). Ainda: “Eu, porém, vos digo que deveis amar os vossos inimigos e orar pelos que vos perseguem” (Mt 5,43). Será isso possível entre povos e nações? É claro que é necessário punir os culpados para defender a vida de inocentes e para fazê-los compreender a hediondez de seus crimes; nunca, entretanto, a partir do ódio e da sede de vingança. Gandhi libertou a Índia da dominação inglesa sem jamais permitir, nem em pensamento, que a violência viesse a dirigir seus atos. É necessário – na verdade esse é o único caminho possível para a paz – construir as relações entre povos e nações dentro dos princípios do amor e da não-violência. O Evangelho tem exigências impossíveis para a nossa própria natureza. “Para Deus, porém, nada é impossível”. As pessoas podem se converter, com a força da graça de Deus. As nações também, a partir do exemplo de seus dirigentes. Que a brutalidade dos últimos acontecimentos nos acorde para a necessidade de construir nossas vidas e a vida das nações sobre valores outros que os do egoísmo, da soberba e da cobiça! E que a graça do Senhor venha em nosso auxílio! Amém.

Convite

No dia **29 de setembro**, quando comemoramos a data de nosso excelso padroeiro, às **10h**, na Igreja Matriz, **Missa Solene**. O Coral Santa Cecília executará “**Missa Solemnis in Honoren Sancti Michaelis Archangeli**”, de P. G. Braun, sob a regência de Joair Santos.

Após a procissão, missa celebrada pelo bispo diocesano D. Eduardo Benes de Sales Rodrigues.

**Do alto do céu
No côncavo-convexo
Desmoronam as
“Torres de Babel”
E o mundo fica perplexo!**

Myrthes Mazza Masiero



Reprodução